

O processo de produção do jornal Primeira Pauta: especificidades e perspectivas

Juciano de Sousa Lacerda e Cristiane Schmitz*

Índice

1 Experiências, motivações e indagações	2
2 O Primeira Pauta	3
3 O espaço-tempo interno de produção: uma incursão na teoria organizacional	3
4 O espaço-tempo interacional com a sociedade: uma incursão na teoria etnoconstrucionista	6
5 Bibliografia consultada	8

Resumo

O Jornal Primeira Pauta (PP) é o espaço laboratorial impresso do Curso de Comunicação Social (hab. Jornalismo) do Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/IELUSC (www.ielusc.br), em Joinville (SC). Em sua linha editorial,

*Juciano de Sousa Lacerda é Jornalista e Doutorando em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professor responsável pelo Jornal Laboratório *Primeira Pauta* do Curso de Comunicação Social/Jornalismo do IELUSC, Joinville (SC). Cristiane Schmitz é Acadêmica de Jornalismo e editora do Primeira Pauta no semestre 2003/02. Esta Comunicação foi apresentada no 7º Fórum de Professores de Jornalismo, GT Produção Laboratorial Impresso, Florianópolis/SC, 18 a 20 de abril de 2004. Publicado em Comunicação & Ação, Goiânia, Volume 7, nº 1, Jan/Jun de 2004, páginas 156-166 (ISSN 1415-5842).

procura abordar as questões sociais, políticas e econômicas da cidade e região Norte catarinense. A periodicidade é mensal, sendo que duas turmas o produzem por revezamento, num ritmo de fechamento bimestral. Neste texto, pretendemos discutir o processo de produção do PP, dialogando com as teorias organizacional e etnoconstrucionista do jornalismo, com o objetivo de tensionar as especificidades entre o “espaço/tempo” caracterizados como experimentais (laboratoriais) da produção com as expectativas dos alunos. Nessa linha, propomos a seguinte questão: o processo de aprendizado rompe, problematiza ou tenta alinhar-se à realidade da produção dos jornais estabelecidos no mercado editorial? O caso do Primeira Pauta aponta aspectos interessantes para a discussão dos processos laboratoriais de produção em relação à divisão do trabalho, às relações de poder/hierarquia e a crise de identidade político-editorial tensionada no espaço dos poderes institucionais, políticos e econômicos da cidade de Joinville.

Palavras-chave:

Jornal-laboratório, teorias do jornalismo, produção jornalística.

1 Experiências, motivações e indagações

Em tempos que começamos a aventar novamente a possibilidade do estágio regulamentado e com acompanhamento pedagógico dos cursos de Jornalismo,¹ o papel desempenhado pelos jornais-laboratórios não perdeu a importância ressaltada por Dirceu Fernandes Lopes:

Instrumento fundamental de um curso de Jornalismo, o jornal-laboratório dá condições ao estudante de realizar treinamento na própria escola, possibilitando que coloque em execução, ainda que experimentalmente, os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas da área técnico-profissionalizante. Integra os alunos na problemática da futura profissão, tornando possível que obtenham uma visão global do processo jornalístico, não apenas no aspecto conceitual, mas também na prática do dia-a-dia das redações (1989: 49).

Compartilhamos da proposição de Lopes, mas, como sua própria pesquisa apontou, há distinções entre linhas editoriais, periodicidade, horas-aulas destinadas à produção, formatos e, principalmente, de públicos dos veículos universitários. Tais distinções ocorrem sobre as “condições” de produção

¹ E aqui vale registrar a experiência que vem sendo realizada pelo Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do IELUSC, em Joinville (SC), que construiu uma proposta de estágio com o jornal diário A Notícia, num processo de diálogo com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de SC. O estágio vem acontecendo desde 2002 e a maior parte dos estagiários foi contratada, após concluir o curso superior.

dos jornais-laboratórios, de forma que o processo comporta singularidades quando relacionado ao aspecto de possibilitar “uma visão global do processo jornalístico” na “prática do dia-a-dia das redações”. É esta relação entre o processo jornalístico constituído no espaço-tempo laboratorial e a perspectiva da aproximação com o espaço-tempo da prática diária que nos interessa tratar neste artigo.

Para efeitos de condução, trataremos, especificamente da experiência com os alunos na produção do Jornal-Laboratório *Primeira Pauta* (PP), do Curso de Comunicação Social (hab. Jornalismo) do Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/IELUSC (www.ielusc.br), em Joinville (SC). Trata-se de um trabalho calcado em impressões da experiência empírica, durante o período de 2002 a 2003, nas disciplinas de Técnica de Jornal Laboratório I e II, quando assumimos a função de professor responsável pelo veículo.

Neste texto, pretendemos discutir o processo de produção do PP, dialogando com as contribuições das teorias *organizacional* e *etnoconstrucionista* do jornalismo, com o objetivo de tensionar as especificidades entre o “espaço/tempo” caracterizados como experimentais (laboratoriais) da produção vinculados à disciplinas do currículo regular com as expectativas dos alunos. Nessa linha, propomos a seguinte questão: *o processo de aprendizado rompe, problematiza ou tenta alinhar-se à realidade da produção dos jornais estabelecidos no mercado editorial? E quais as implicações desse processo?* O caso do Primeira Pauta aponta aspectos interessantes para a discussão dos processos laboratoriais de produção vinculados à disciplinas regulares em relação à divisão do

trabalho, às relações de poder/hierarquia e a crise de identidade político-editorial tensionada no espaço dos poderes institucionais, políticos e econômicos da cidade de Joinville.

2 O Primeira Pauta

Para uma breve caracterização, o Jornal Primeira Pauta (PP) tem periodicidade mensal, de março a dezembro, sendo interrompida sua publicação nos meses de janeiro e fevereiro. É impresso no formato tablete, P&B, variando entre 12 e 16 páginas. Até o final de 2003 era vinculado às disciplinas Técnica de Jornal e Periódico I e II,² e produzido, a cada semestre, por duas turmas. Desta forma, o jornal era publicado mensalmente, mas, por alternância, cada turma tinha dois meses entre a pauta e a publicação da edição pela qual estava responsável. O PP, a exemplo de muitos jornais-laboratoriais,³ não tem uma política editorial estável, nem normas editoriais explícitas. O processo é, de certa forma, tácito. Tampouco há um conselho editorial constituído. A cada semestre, são os alunos e o professor responsável que respondem pela abrangência da publicação e

² Correspondendo ao quinto e sexto semestre do curso do currículo que se encerra com a turma que conclui o curso em 2004. Os alunos do novo currículo produzirão o jornal nas disciplinas Produção e Difusão em Meios Impressos I e II. Contudo, há ainda a possibilidade da desvinculação do jornal experimental do âmbito de disciplinas regulares, para ficar aberto aos alunos das várias fases do curso que tenham cumprido pré-requisitos de Redação II.

³ Nas duas pesquisas realizadas por Lopes com professores responsáveis por publicações laboratoriais impressas em meados dos anos 80, editores confirmaram não haver política editorial definida (LOPES, 1989: 52-54).

por sua tematização. Contudo, algumas indicações são seguidas. O público alvo é misto: os estudantes do instituto e a comunidade joinvilense. A tematização, portanto, não está restrita à comunidade universitária. Na maior parte das edições, as pautas procuram abordar questões sociais, políticas, econômicas e culturais, ora com um foco nos bairros de Joinville, ora abrangendo, na forma de interesse geral, a cidade e a região Norte catarinense.

3 O espaço-tempo interno de produção: uma incursão na teoria organizacional

Nossa busca por compreender e relacionar os espaços-tempos do laboratório de jornalismo e de uma redação de jornal da grande imprensa, passa por um diálogo com a *teoria organizacional* proposta por Warren Breed (1955). Ao abordar as contribuições desta teoria para os estudos do jornalismo, Nelson Traquina destaca que, para Breed, “o jornalista conforma-se mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que ele ou ela tivesse trazido consigo” (Traquina, 2001: 71). Numa perspectiva funcional, o sociólogo Breed identifica que o processo de socialização do neófito se dá mais por força de uma *cultura da organização* do que por uma *cultura profissional*. Em sua pesquisa, os jornalistas entrevistados explicavam a assimilação dos padrões editoriais da empresa por um processo de “osmose”, na interação com o ambiente descobriam e interiorizavam suas normas e valores (Traquina, 2001: 72).

Haveria, assim, uma relação de “conformismo” com a política editorial da orga-

nização jornalística, condicionada, segundo Breed, por seis fatores: a) *a autoridade institucional e as sanções*; b) *os sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores*; c) *as aspirações de mobilidade*; d) *ausência de grupos de lealdade em conflito*; e) *o prazer da atividade* e f) *as notícias como valor* (Traquina, 2001: 75). Embora venha de uma leitura de matriz funcionalista, em que a ordem organizacional se impõe dentro do processo jornalístico, a proposta de Breed nos oferece algumas pistas de leitura sobre os processos de interação social dentro da empresa jornalística e, em nosso, caso no ambiente do jornal-laboratório.

Do ponto de vista interno das organizações jornalísticas atuais, essas categorias sofreram algumas transformações. O processo já não se caracteriza somente pela *osmose*, numa relação de aprendizado tácito, ao qual, como propõe Breed, o jornalista poderia iludir o controle da empresa atuando nas brechas do sistema (Traquina, 2001: 75). Para Dirceu Fernandes Lopes (1989), os meios de produção tornaram mais complexa a empresa jornalística que, para manter-se economicamente, vê-se numa relação de limite entre “independência” e os tipos de pressão de anunciantes e do próprio governo (Lopes, 1989: 40). Esta complexidade, segundo Lopes, se mostraria na relação dialética, e não funcional, entre a direção da empresa – em cuja política prevalece interesse pelo lucro – e o corpo de redatores e repórteres, que estariam preocupados em privilegiar os fatos e informações. Contudo, na tentativa de subordinar ao sistema produtivo as tensões do corpo jornalístico, as empresas cada vez mais fundem sua determinação político-editorial com as práticas de apuração, redação, edição e publicação,

normatizando-as ponto a ponto em critérios manuais de produção.⁴

A forma tácita se daria, agora, no travestir-se do político-editorial em critérios normativos sobre como apurar, escrever, editar e publicar notícias. Os filtros que possibilitam alinhar o produto notícia aos critérios da organização jornalística são a *pauta*, o *editor* e a *edição de títulos, manchetes* e a *disposição* no espaço da página impressa (Lopes, 1989; Arbex Jr., 2001). Em última instância, o que pode determinar o que é ou não notícia naquele dia, é o “critério jornalístico”, desde que o assunto não seja importante ou não fira a linha editorial da empresa. Se isto acontece, entra em cena o “critério político”, ou seja, o julgamento se dá de acordo com as posições adotadas pela organização jornalística (Lopes, 1989: 43).

Fazendo a relação com teoria organizacional e a realidade das empresas jornalísticas, no espaço-tempo do jornal Primeira Pauta a política editorial é ainda mais tácita, visto que não há um regimento normativo, a exemplo de um manual de produção. Em algumas discussões com alunos e professores ficaram evidentes dois pólos: a formulação de um manual tornaria hermetica a possibilidade do ensaio, descaracterizando a finalidade laboratorial do jornal. Em contrapartida, a total abertura não possibilitaria ao aluno o confronto com uma cultura organizacional, como possibilidade de construção de sua identidade política. Nestes dois anos, pudemos observar que, embora não haja uma normatização escrita, esta acaba tomando configuração na postura do

⁴ Um exemplo é o Projeto Folha, do Jornal Folha de São Paulo, que, segundo José Arbex Jr. “significou a adoção do discurso-para-o-mercado como estratégia empresarial e editorial” (Arbex Jr., 2001:141).

professor orientador do processo, dos alunos que assumem o papel de editores e da possibilidade de testagem dos limites institucionais de uma faculdade de ensino superior comunitária de inspiração luterana.

Na relação com o professor orientador, tenta-se privilegiar sempre o chamado “critério jornalístico”, confiabilidade da informação e a qualidade do texto produzido pelo aluno-repórter. O que de certa forma está atravessado pela vivência e pelas referências jornalísticas do professor. Os alunos-editores, por sua vez, espelham-se nas condições anunciadas pelo professor, mas, claramente, deixam-se atravessar por seus critérios pessoais e influências do processo de aprendizado e leituras. O que se configura, muitas vezes, é que a vinculação do jornal-laboratório à disciplina conduz parte dos alunos a articularem-se em torno do “estilo” do professor como forma de evitar alterações no texto, a “reescrita” ou mesmo cortes, vistos por Breed como sanções. A tentativa de *cativar a estima dos superiores* se dá em dois extremos: nos repórteres mais dedicados, que tentam apelar para o laço de amizade como forma de preservar seu estilo de redação; ou daqueles que, vislumbrando o aspecto de aprovação ou reprovação na disciplina como sanção, tentam aproximar-se para superar suas dificuldades em cumprir determinada pauta ou na redação final do texto.

Na relação entre alunos-repórteres e alunos-editores, constitui-se uma linha de conflito, em grande parte, quando passam a relacionar as operações dos editores sobre seus textos como um desrespeito. Para isso, tomam como ponto de partida que não haveria entre eles alunos mais ou menos experientes, a exemplo de uma redação jorna-

lística em que os novos interagem com profissionais cuja história lhes dá legitimidade. Essa relação faz constituir dentro do espaço-tempo de uma redação de jornal-laboratório processos de conflitos entre editores e repórteres, sobrecarga do trabalho dos editores e apatia em alguns alunos que, como repórteres, preparam seu texto e o largam na mão dos editores para que “se virem” em rever o material. O grande desafio que se coloca para professores e alunos é a constituição do que Breed chama de “prazer da atividade”, mas não somente numa linha de *usos e gratificações*, mas como processo de aprendizagem em busca de uma autonomia, que se configura na construção de um estilo de apuração, redação e edição do próprio texto jornalístico, tendo consciência das tensões, dos limites e brechas que se configuram numa linha editorial, tácita ou determinada.

É justamente na influência tácita do aspecto institucional configurado na Instituição de Ensino, especificamente o Instituto Luterano Bom Jesus/IELUSC, que há uma aproximação entre professores, alunos e o próprio Curso de Comunicação, numa alternativa de não conformação ao institucional. Seria difícil afirmar que a linha editorial vá de encontro às normas da instituição, mas, de modo tácito, é construído um clima dentro do ambiente laboratorial que não invoca o institucional na hora de propor e discutir pautas e enfoques das reportagens. Em várias edições, inclusive, as reportagens apontaram críticas e deficiências de outras organizações da sociedade joinvilense, e mesmo do poder público, com os quais a instituição mantinha sólidas relações. Foi o caso da cobertura do “Mapa da Fome” em Joinville (Edição nº 28, abril 2003), cuja pauta foi motivada pelo lançamento da Cam-

panha Fome Zero pelo Governo Lula. Foi detectado que a Secretaria de Bem-Estar Social não tinha dados concretos sobre a fome no município. A secretária municipal chegou a ligar para a Instituição para que pressionasse o Curso de Comunicação a rever a informação. A instituição acabou apoiando a visão da editoria do jornal-laboratório. Na mesma linha, a edição 33 trouxe um levantamento minucioso sobre os equívocos do processo de preservação do patrimônio histórico de Joinville. O coordenador do patrimônio histórico do município recusou-se a participar do debate de lançamento da edição e ameaçou entrar na Justiça contra o jornal. A edição 35 focou um dos maiores bairros da cidade, o Boa Vista. A matéria de capa apontava os riscos que a poluição sonora e por “pó de ferro” traziam para a população local. A Fundação Tupy era o alvo das críticas. A matéria também apresentava os argumentos da empresa claramente. No entanto, um dos seus diretores locais também faz parte da direção da mantenedora do Bom Jesus/IELUSC. O fato causou um mal estar entre a direção do instituto e o membro da direção da mantenedora. Mas com base nos argumentos da reportagem e de um parecer da direção do Curso de Jornalismo, a instituição deu apoio ao enfoque do jornal *Primeira Pauta*. Estas pautas possibilitaram testar os limites tácitos da instituição sobre a linha editorial do jornal-laboratório e contribuíram para alimentar uma maior aproximação e valoração do espaço laboratorial pelos alunos.

4 O espaço-tempo interacional com a sociedade: uma incursão na teoria etnoconstrucionista

A relação extra-organizacional promovida pelas edições do Primeira Pauta enumeradas acima, levaram-nos a buscar na perspectiva *etnoconstrucionista* do Jornalismo uma maior compreensão da relação espaço-tempo do laboratório. Para a visão construcionista do jornalismo, o neófito se integra ao processo jornalístico não somente por fatores intra-organizacionais, mas transorganizacionais, em que a notícia é produto da interação entre a empresa jornalística, a comunidade profissional dos jornalistas e os demais atores sociais (governos, ONGs, mercado etc), que se constituem na “rede noticiosa”.⁵

Para a *teoria etnoconstrucionista* “as notícias são resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias)” (Traquina, 2001: 94). Esta teoria reconhece uma maior autonomia dos jornalistas (Traquina, 2001: 115), mas, principalmente, quando este consegue relacionar-se, na perspectiva transorganizacional entre, segundo Gaye Tuchman, a *ordem do tempo* e a *ordem do espaço* (Traquina, 2001: 95)

Para Tuchman, as empresas jornalísticas procuram impor sua ordem no espaço e no tempo para levar a termo seu trabalho diário. Em relação ao espaço, três seriam as estratégias: 1) *dividir a territorialidade geográfica* – que áreas a empresa vai cobrir como notícia; 2) *a especialização organizacional* – de-

⁵ Proposição de Gaye Tuchman sobre o espaço de cobertura que uma empresa jornalística estabelece como critério de *noticiabilidade* (Traquina, 2001: 103).

terminar que instituições ao seu ver são notícia – e 3) *a especialização em termos de temas* – as seções que especificam a cobertura da empresa jornalística (Traquina, 2001: 95-96).

Os jornais diários, segundo Traquina (2001), elegem os centros de poder econômico e político como espaço de cobertura diária. Nestes centros, pautam-se pelas fontes de autoridade relacionadas às instituições do poder político (governos, prefeituras, assembleias, câmaras legislativas etc) e econômico (empresas, organismos empresariais e centros de pesquisa). Quanto ao tema é que há uma maior amplitude nos diferentes produtos: internacional, nacional, nacional, sociedade, informação geral, cultura, esportes etc.

O jornal *Primeira Pauta* como lugar de experimentação, tem buscado ampliar este espaço para atuar onde Traquina denomina de “buracos da rede noticiosa”. O jornal tem buscado experimentar a cobertura nos bairros da cidade. Cada bairro é tema de uma edição. Ali, a orientação é justamente não dar o primeiro plano para as autoridades que se reproduzem nos microespaços sociais, mas a tentativa de associar novos atores no protagonismo das notícias. Os temas são política, economia, cultura, meio ambiente, serviços, mas numa ótica local. Contudo, no aspecto da tematização, por vezes, o jornal tenta explorar com profundidade um tema específico sobre vários enfoques, saindo da noção de interesse geral. Foram produzidas edições sobre Saúde, Movimentos Sociais/ONGs, Fome e Meio Ambiente em Joinville.

A questão da *ordem do tempo* também traz elementos significativos para a discussão sobre jornais-laboratórios. Segundo Traquina,

cada empresa constitui o seu “biorritmo”, ou seja, os tempos da organização para a cobertura dos fatos se sobrepõem, geralmente, como valor notícia. “Se espera que os acontecimentos com valor-notícia se concentrem durante as horas normais de trabalho” (Traquina, 2001: 98). Entretanto, como o caráter da instituição é privado, o perfil dos alunos é peculiar, pois todos precisam trabalhar para pagar os estudos. Assim, o tempo disponibilizado para a produção de textos é diferenciado e reduzido. Enquanto a rotina normal de produção de notícias de um jornal diário funciona durante a semana útil, em horários comerciais, o tempo disponível dos acadêmicos é justamente o contrário, dificultando o acesso às fontes, que nem sempre estão dispostas a atender em horários alternativos. Esta dificuldade acaba influenciando no perfil do próprio jornal e na própria intenção que ele pretende ter, sem esquecer também que o fator tempo fica totalmente desregrado e mutante. Esta relação que o aluno estabelece entre a fonte, o professor e o tempo de execução consiste em um teste de competência, em que o aluno passa se aprender a administrar o tempo, e, mais do que isso, a pauta. A justificativa do tempo fazia com que os alunos demonstrassem desinteresse facilmente quando as fontes não cumpriam com a expectativa, ou, simplesmente, furavam devido aos horários inconvenientes. Como consequência disso, tinham uma reação inerte e não-condizente com a de repórter, mas justificada pela posição de aluno: voltavam à sala de aula para informar que a pauta furou e assim encerravam o trabalho.

Desta forma, mais do que se adequar ao modelo de mercado, o aprendizado com a ordem do tempo, mesmo nas condições adversas dos jornais laboratórios, apontaria para

uma característica necessária para a autonomia dos futuros profissionais: saber tratar e controlar o tempo.

Devido ao fato de as organizações jornalísticas funcionarem dentro de um ciclo estruturado em função de marcos temporais, não é de estranhar que o verdadeiro teste de competência profissional resida na capacidade do jornalista de deixar de ser vitimado pela cadência frenética imposta pelas horas de fecho e passar a controlar o tempo (Traquina, 2001: 121).

É um desafio que se impõe na relação entre professor e aluno-repórter, tendo em vista que o tempo de fechamento da edição está relacionado também a um processo de ensino-aprendizagem, cuja temporalidade requer momentos de avaliação, cujo foco não pode ser simplesmente a expectativa do aluno em relação a uma nota quantitativa no final do semestre, mas que se reflete na sua posição autônoma de constituir valor ao que produz e a sua capacidade de atuar taticamente nos tempos de produção em vista de qualificar sua produção jornalística.

5 Bibliografia consultada

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. S. Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o leitor*. São Paulo: Summus, 1989.

ARBEX JR., José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.